

## **Jornal Laboratório Zero<sup>1</sup>**

Guilherme LONGO<sup>2</sup>

Caio SPECHOTO<sup>3</sup>

Thales CAMARGO<sup>4</sup>

Suelen ROCHA<sup>5</sup>

Mateus BOAVENTURA<sup>6</sup>

Marcelo BARCELOS<sup>7</sup>

Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC

### **RESUMO**

O Zero é um jornal com mais de 30 anos de história, tendo sido criado quando o curso de Jornalismo da UFSC tinha apenas três anos de existência, em 1982. A responsabilidade de manter sempre atualizado é grande e por isso o jornal passa por mudanças constantes. A cada novo professor orientador, a cada nova turma que entra para produzir o Zero, há uma reinvenção do jornal em seus projetos editorial e gráfico. Um dos maiores desafios é manter a qualidade editorial do jornal mesmo com ele passando por mudanças tão profundas. Inicialmente disponibilizado como disciplina optativa, o Jornal Laboratório passou a ser disciplina obrigatória para os alunos do sexto semestre do curso nos anos 1990. Atualmente, ele é feito por cerca de trinta alunos todo semestre, além de dois monitores. Este trabalho discute e apresenta as edições de 2014 e as mudanças realizadas nesse período.

**PALAVRAS-CHAVE:** Jornal laboratório; Mídia impressa; Zero;

### **1 INTRODUÇÃO**

O Zero surgiu ainda nos primeiros anos do curso de Jornalismo da UFSC, em 1982, quando o curso tinha apenas três anos de existência e quando ainda era considerado Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo. O motivo era a necessidade de criar

---

<sup>1</sup> Trabalho submetido ao XXII Prêmio Expocom 2015, na Categoria Jornalismo, modalidade JO 03 – Jornal-Laboratório Impresso (Avulso / conjunto ou série).

<sup>2</sup> Aluno líder do grupo e estudante do 8º. Semestre do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, estagiário do Laboratório de Radiojornalismo, voluntário da Rádio Ponto UFSC e integrante do GIRAFÁ (Grupo de Investigação em Rádio, Fonografia e Áudio) e GIPTele (Grupo Interinstitucional de Pesquisa em Telejornalismo) email: [guilherme.longo93@gmail.com](mailto:guilherme.longo93@gmail.com).

<sup>3</sup> Estudante do 9º Semestre do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, email: [caio.spechoto@gmail.com](mailto:caio.spechoto@gmail.com).

<sup>4</sup> Estudante do 8º Semestre do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, email: [thalestrench@gmail.com](mailto:thalestrench@gmail.com).

<sup>5</sup> Estudante do 6º Semestre do Curso de Comunicação Social – Jornalismo da Universidade Federal do Amazonas – UFAM. Aluna de Mobilidade Acadêmica ANDIFES-Santander na Universidade Federal de Santa Catarina, email: [suelenrochacom@gmail.com](mailto:suelenrochacom@gmail.com).

<sup>6</sup> Estudante do 8º Semestre do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, email: [mateusboaventura@gmail.com](mailto:mateusboaventura@gmail.com).

<sup>7</sup> Professor de Jornalismo (UFSC/Unisul) e Mídia Eletrônica na Faculdade Estácio de Florianópolis, é docente responsável pelo jornal-laboratório Zero. Mestre em Jornalismo (UFSC), com dissertação na área de jornalismo cidadão, e master em Jornalismo Digital pela Universidade de Navarra/Instituto Internacional de Ciências Sociais de São Paulo (IICS). Aluno especial do doutorado em Jornalismo com projeto de pesquisa na área da Internet das Coisas aplicadas às notícias, email [marcelobarcelos.jornalismo@gmail.com](mailto:marcelobarcelos.jornalismo@gmail.com).

um produto laboratorial para que os estudantes pudessem aplicar o que aprendiam nas aulas.

Na primeira edição, em setembro daquele ano, o Zero iniciava sua circulação de mil exemplares impressos após passar pelas mãos de trinta e dois alunos e cinco professores. Pelo fato de ter sido uma disciplina optativa nos seus primeiros anos, o Zero passou por um período de edições irregulares. Sua segunda edição foi feita somente no ano seguinte. A disciplina de Jornal Laboratório se tornou obrigatória apenas nos anos 90. No currículo atual do curso, ela é obrigatória para os estudantes do sexto semestre.

Por mais que seja uma produção universitária com tiragem limitada, o Zero é um dos jornais mais antigos de Florianópolis. Tanto que em 1986 noticiou o lançamento do jornal que hoje é o de maior tiragem e influência em Santa Catarina: o Diário Catarinense, do Grupo RBS.

Ao longo de seus mais de 30 anos, acumulou diversos prêmios regionais e nacionais. Entre eles estão o SET Universitário, da PUC-RS e o Expocom.

O Zero passou por diferentes fases ao longo dos anos. Já foi semanal, mensal, formato tabloide, formato standard, inteiro em preto e branco, inteiro colorido, com diferentes seções e propósitos. Isso mostra como o jornal consegue se adaptar aos repórteres, que são trocados a cada semestre, aos professores, que se substituem periodicamente e ao mercado, que se modificou bastante nesses 34 anos.

Atualmente, o jornal é feito no formato tabloide, com 16 páginas, todas coloridas, com temas e reportagens que discutem questões do cotidiano da comunidade acadêmica e de Florianópolis como um todo.

## **2 OBJETIVO**

Assim como nos demais Jornais Laboratórios, o Zero proporciona ao aluno a experiência prática de produção de um jornal impresso, passando pelas etapas de produção e distribuição do produto. Elaboração de pauta, planejamento e apuração e redação da reportagem estão entre as etapas da construção textual. Além disso, os alunos / repórteres estão incumbidos de etapas de fotografia, titulação, edição, edição de legendas, revisão, distribuição e circulação do jornal.

Considerando a atual situação da produção jornalística o Zero não se limita somente à produção impressa, mas incentiva os estudantes também a se familiarizarem com produções voltadas para o meio online. Nas redes sociais, em especial o Facebook e o

YouTube, são produzidas pautas factuais, sobre o dia-a-dia da Universidade, nos formatos de texto, foto e em vídeo. Já as pautas do jornal são reportagens, com mais fôlego e necessidade de uma apuração mais aprofundada.

Com todas as funções listadas acima, os alunos acabam criando certa noção sobre como funciona o cotidiano das redações, mesmo que em proporções menores.

### 3 JUSTIFICATIVA

Nos cursos de Jornalismo, é bastante comum ver a discussão sobre a importância da teoria *versus* a prática. Principalmente por ser uma área que necessita de ambos para a formação do estudante. A parte teórica é essencial para que o aluno desenvolva o senso crítico não somente do mundo mas também do Jornalismo, para que haja uma evolução de qualidade. Ao mesmo tempo, o aluno não pode sair do curso sem ter colocado as coisas que aprendeu na aula em prática. Porque muitas vezes o dia-a-dia difere bastante da teoria. Além disso, ajuda a desenvolver nossa relação com as fontes, apurar nossos critérios éticos e a nos familiarizarmos com os softwares que trabalharemos futuramente.

Uma saída encontrada para colocar todos os pontos listados acima em ação é o jornal laboratório. Nele, os alunos passam por todas as etapas de produção da notícia: apuração, redação e edição. E em alguns casos, como é o do Jornal Zero, os estudantes põem em prática conhecimentos de fotojornalismo, de diagramação e utilização das redes sociais como ferramenta de marketing e de produção de conteúdo específico para o formato do jornalismo online.

Além do auxílio no aprendizado dos alunos dos cursos de Jornalismo, os jornais laboratórios, como é o caso do Zero, tem sido bastante importantes para a comunidade, não só a acadêmica como também da cidade onde a Universidade está inserida.

Lopes (1989) comenta sobre a importância dos jornais laboratórios na formação dos estudantes:

O órgão laboratorial é um instrumento de reprodução da prática jornalística vigente ou um veículo para a criação de alternativas em relação ao que existe na sociedade? As duas opções são fundamentais: reproduzir a realidade, criar inovações. É importante manter as duas formas, combinando-as, intercalando-as e integrando-as. (LOPES, 1989, p.34)

Como já mencionado acima, a disciplina Jornal Laboratório, onde é produzido o Jornal Zero, é essencialmente prática. Em nenhum momento do semestre os alunos leem

textos teóricos que discutem o Jornalismo. É o momento em que são colocados em prática os ensinamentos teóricos de disciplinas de semestres anteriores do curso. Entre elas estão Técnica de Reportagem, Entrevista e Apuração (também conhecida como Redação I), Redação II, Redação III, Redação IV, Editoração Eletrônica, Planejamento Gráfico e Edição.

#### **4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS**

No primeiro semestre de 2014, o Zero passou por mudanças estruturais. O professor Marcelo Barcelos assumiu como orientador, substituindo os professores Samuel Lima e Ângelo Ribeiro, que haviam orientado a produção no ano anterior. Para auxiliar, estavam os bolsistas Túlio Kruse e Flávio Crispim.

Para o semestre, a equipe era composta pelos alunos: Amanda Simeone, Bianca Bertoli, Beatriz Nedel, Caio Spechoto, Fernanda Ferreti, Gabriel Shiozawa, Gabriela Damaceno, Gêssica Silva, Isadora Ruschel, Janine Silva, Júlia Schutz, Luan Martendal, Luciana Paula, Luísa Tavares, Mariana Petry, Marianne Ternes, Mateus Boaventura, Mateus Vargas, Murici Balbinot, Poliana Dallabrida, Rafael Gomes, Rafael Venuto, Raíssa Turci, Rosângela Menezes, Stefanie Damazio, Tainara Rosa e Thais Ferraz. Os estudantes se dividiriam nas funções de repórter, fotógrafo, diagramador e editor.

O processo de escolha do tema variou bastante no semestre, a ser melhor explicado abaixo. Mas no geral, as ideias de temas eram lançadas pelos alunos e pelo professor orientador. Os estudantes decidiam em conjunto a adesão ao tema e partiam para as sugestões de pautas, que deveriam ser aprovadas pelo professor.

Devido ao número de páginas do jornal, *versus* o número de alunos da disciplina, nem todos escreviam em todas as edições. Os estudantes se revezavam nas funções de acordo com sua disponibilidade de tempo no momento de produção e afinidade e conhecimento sobre o tema.

No segundo semestre de 2014, uma nova equipe assumiu a direção do Zero. Pelo fato da disciplina ser obrigatória do sexto semestre do curso de Jornalismo, a cada seis meses é realizada a rotatividade entre os alunos do curso. No total, a nova equipe era composta por 17 alunos, que se dividiriam nas mesmas funções citadas acima.

Nas edições do segundo semestre, a equipe era composta pelos seguintes alunos: Aline Takaschima, Ana Domingues, Ayla Nardelli, Carlos Estrella, Daniel Garcia, Dayane Ros, Guilherme Longo, Guilherme Porcher, Iuri Barcellos, João Vítor Roberge, Kauane

Moreira, Luize Ribas, Priscila dos Anjos, Renata Bassani, Ricardo Florêncio, Suelen Rocha, Tamires Kleinkauf e Thales Camargo. O professor Marcelo Barcelos continuou atuando como professor da disciplina e orientador do jornal e os acadêmicos Caio Spechoto e Gabriel Shiozawa assumiram a função de monitores.

Uma das preocupações desde o início do semestre era a quantidade baixa de alunos para realizar o jornal todo mês. Comparado com o semestre anterior, a equipe havia sido reduzida praticamente à metade. Um dos motivos para isso é a flexibilidade que a Universidade permite para a formação da grade de horários, o que fez com que alguns alunos atrasem disciplinas em detrimento de estágios ou projetos paralelos. Mas desde a primeira aula, os alunos decidiram seguir em frente com a produção normal do semestre, sem reduzir o número de edições (4) ou o número de páginas em cada jornal (16 páginas por edição, em média). Uma das soluções adotadas foi a de contar com a participação de estudantes de diversas fases do curso em sugestão de pautas, charges, ilustrações e até mesmo em textos.

Com a redução da equipe, a rotatividade de funções entre os alunos não era possível. No geral, cada estudante chegava a entregar de dois a três textos para cada edição, além de atuar como fotógrafo para diversas pautas. As etapas de diagramação e edição foram separadas por afinidade dos alunos.

O processo de produção do jornal também foi mantido. Exceto na edição de Saúde (a ser melhor explicado abaixo), os temas foram decididos em conjunto entre os alunos, em alguns casos com sugestões de temas feitos pelo orientador, com cada um dando sua sugestão de pauta para ser aprovada pelo professor. Em cada número, a equipe e o professor selecionavam um Editor Chefe, um ou dois Editores de Produção e um responsável pelas Redes Sociais do jornal.

## **5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO**

### **5.1 Edição abril/2014 – “Choque”: o Levante do Bosque na UFSC**

No dia 25 de março de 2014, quando a tropa de choque da PM entrou no campus a mando de um delegado da Polícia Federal e descarregou gás lacrimogênio e balas de borracha nas pessoas que estavam no Bosque atrás de Centro de Filosofia e Ciências Humanas, a primeira edição de 2014 já estava sendo produzida havia quase duas semanas. No dia seguinte, uma quarta-feira, houve uma reunião na redação com o professor e alguns

alunos que tinham disponibilidade, e metade das pautas que estavam sendo apuradas foram derrubadas para dar espaço à cobertura do acontecimento (vários repórteres estavam lá no momento, e muitos conhecidos dos repórteres, o que fez com que o jornal tivesse à disposição, além de um volume de informação muito maior que a da mídia convencional e interpretações muito mais realistas, fotos às centenas).

Porém, na quinta e na sexta-feira começaram a se desenhar vários desdobramentos no ambiente político da UFSC, e no final da tarde de sexta caíram todas as outras pautas não relacionadas ao que ficou conhecido como “Levante do Bosque” para poder cobri-los. O fechamento foi parte feito na redação e parte na sala da casa de um dos repórteres, de madrugada (coisa que se repetiu nas duas oportunidades subsequentes).

Das edições do primeiro semestre, é a única que trata inteiramente de um único assunto.

## **5.2 Edição maio/2014 – “Na Boca do Povo”: Legalização da Maconha**

Na primeira aula após o fechamento da edição do Choque, o professor Marcelo Barcellos propôs para a turma que a discussão sobre a legalização da maconha fosse abordada, como matéria central, no número do Zero que começava naquele dia a ser produzido. As demais páginas foram preenchidas por textos de pautas variadas.

A habitação era um assunto, além de importantíssimo de ser discutido pela sociedade, muito quente devido a três ocupações urbanas que existiam naquela época na grande Florianópolis. Outro exemplo foi a questão da inclusão de transexuais no mercado de trabalho, um problema social grave que não recebe a devida atenção da imprensa.

Durante as semanas de apuração surgiu a piada de que a manchete seria “Maconha na boca do povo!”. A capa era uma grande preocupação. Procurava-se algo provocador, que editorialmente estivesse coerente com a posição da redação (favorável à legalização) e que fugisse de lugares comuns -- incluindo os legalizacionistas. Depois de algum tempo quebrando a cabeça, um grupo resolveu trabalhar graficamente a piada corrente e sua redação, e a transformou numa capa que, internamente, foi aprovada por unanimidade. A redação do título, por não usar a palavra “maconha”, não ficou panfletária, e arte com o verde em volta e uma silhueta branca de folha de cannabis fugia ao comum sem apelar. Em suma, uma peça gráfica que, com sutileza, era bastante honesta.

### **5.3 Edição junho/2014 – “Na Copa que você não viu”: cobertura da Copa do Mundo pela ótica dos assuntos sociais**

Essa cobertura, novamente, foi sugerida pelo professor. O maior desafio do processo de produção foi conciliar o desenvolvimento das pautas e sua preparação com a parte financeira. Foi feito um churrasco para levantar dinheiro, que supriu parte das necessidades, e algumas passagens foram pagas pelos próprios repórteres.

Foram enviadas pessoas para Porto Alegre, Curitiba, São Paulo e Rio de Janeiro. As duas últimas por serem os locais de abertura e final do campeonato, e as outras por serem mais próximas. Nesse caso, o critério de noticiabilidade “proximidade” que Nilson Lage descreve em “Ideologia e técnica da notícia” calhou com o critério “distância”, determinante nos preços das passagens. Apesar das pautas desta vez terem sido muito menos discutidas pela redação do que nas outras edições (devido ao trabalho de levantar dinheiro, procurar passagem, etc), os repórteres escalados fizeram ótimas pré apurações e conseguiram voltar com bom material.

Assim como na edição anterior, houve matérias sem ligação com o tema central, mas desta vez nenhuma delas ganhou chamada na capa, devido ao tamanho da cobertura principal.

### **5.4 Edição setembro/2014 – “Como vai a sua saúde”: panorama da saúde em Santa Catarina**

A escolha pela temática da saúde catarinense para o primeiro jornal do segundo semestre veio de modo um pouco diferente dos demais. Ao invés de ter sido um tema acordado pela turma, a proposta veio através de uma sugestão de pauta feita por um dos alunos, Guilherme Longo. Após uma conversa com a turma, todos aceitaram a ideia e através de uma rápida votação, foi também indicado para ser editor chefe e João Vitor Roberge o editor de produção.

As pautas partiram todas dos editores, ao invés dos repórteres, sendo a única vez no semestre em que isso ocorreu. Mas todos tiveram liberdade para escolher sua pauta dentro de uma lista com diversas possibilidades. A produção teve início já na segunda semana do semestre, a partir de 18 de agosto, com o fechamento inicialmente previsto para a semana de 08 de setembro.

Por ser período de campanha eleitoral, os alunos acharam necessário abrir espaço na edição para realizar entrevistas com os candidatos ao governo de Santa Catarina. Para isso,



foram acrescentadas quatro páginas às 16 já programadas para o jornal. Com isso, futuramente, uma das edições seria feita com quatro páginas a menos.

Além das entrevistas com os candidatos, contendo cerca de quatro mil caracteres cada, além de uma ilustração de cada um, o jornal contou unicamente com pautas relacionadas à área de saúde. Entre elas estão a aclimatação da população aos médicos do programa Mais Médicos, transplantes, clínicas de reabilitação, o impasse entre os alunos da UFSC à adesão do Hospital Universitário à Empresa Brasileira de Serviço Hospitalares (EBSERH), entre outras. A contracapa foi reservada para uma entrevista com o presidente da Associação das Santas Casas de Misericórdia e Hospitais Filantrópicos, Edson Rogatti, que falou sobre a situação desses hospitais pelo país. Na página 2, estavam também o editorial, escrito pelos editores, além das colunas de Ombudsman, de Nilson Lage, a Nota da Redação, escrita pelo professor Marcelo Barcelos e a coluna de opinião, com e-mails de leitores e ex-repórteres do Zero

### **5.5 Edição Outubro/2014 – “O Burocrata”: a Cultura em Florianópolis**

Logo após o fechamento da primeira edição, os alunos se reuniram para discutir as possibilidades de temas para o segundo jornal do semestre. Depois de debates, com apresentações de pautas e possibilidades, ficou acordado que a cultura em Santa Catarina seria o tema.

Renata Bassani foi selecionada para o cargo de editora chefe. Já Ayla Nardelli e Thales Camargo passaram a atuar como editores de produção. A produção teve início na semana de 22 de setembro e seguiu até os dias 20 a 23 de outubro.

Entre as pautas distribuídas nas 16 páginas da edição estavam as licitações para a utilização do auditório do Centro de Eventos da UFSC, a nova categorização dos *games* como produtos culturais, o carnaval de Florianópolis e a cultura açoriana na ilha. A página central foi reservada para contar sobre o Café Cultural que o Zero promoveu com artistas de diversas áreas de Florianópolis para discutir a presença e o incentivo à cultura do ponto de vista de quem a produz. Na segunda página, mais uma vez estavam as colunas de Ombudsman, de Nilson Lage, e o editorial, feito pelos editores da edição.

### **5.6 Edição Novembro/2014 – “Em obras (atrasadas)”: acompanhamento de obras públicas na Grande Florianópolis**



Pela data de fechamento da terceira edição coincidir com a entrega da maioria dos trabalhos finais da disciplina (semana do feriado de Proclamação da República, em novembro), os estudantes definiram que a terceira edição seria a menor, com 12 páginas, como havia sido acordado anteriormente durante a produção do “Zero Saúde”.

As obras na UFSC e as campanhas dos candidatos ao governo e à Assembleia Legislativa chamaram a atenção dos alunos, que decidiram fazer uma terceira edição na qual fosse feito um acompanhamento das principais obras de Florianópolis.

João Vitor Roberge foi designado como editor chefe e Guilherme Longo e Aline Takaschima, como editores de produção.

As pautas discutiam o atraso do cumprimento dos calendários firmados pela prefeitura / governo do estado e as empreiteiras, os possíveis desvios de dinheiro e como elas afetavam a vida diária da população.

Entre as obras abordadas estão as ciclovias (ou a falta delas) em Florianópolis, a ampliação do Aeroporto Internacional Hercílio Luz, a duplicação da SC 405, o remanejamento de famílias em situação irregular na Ponta do Leal, além de seis obras que estavam sendo realizadas dentro da Universidade ou em seu entorno.

## **6 CONSIDERAÇÕES**

Como mencionado nos itens anteriores, a presença de um Jornal Laboratório nos currículos dos cursos de Jornalismo é essencial para a formação de um estudante. Aliar a teoria com a prática ajuda o aluno não somente a ter uma melhor compreensão do que foi estudado anteriormente em aula, mas também a entender um pouco mais sobre o mercado que o espera após o fim da graduação. Com a diferença que o Jornal Laboratório deve estar também aberto à experimentação, para que possa fugir do convencional, chamando a atenção do público.

O Zero não foge dessa ideia e está sempre aberto à mudanças. Mudanças essas que são visíveis constantemente, com a troca semestral das equipes de produção e trocas periódicas entre os professores orientadores. O diálogo está sempre presente também, com os alunos constantemente trocando ideias entre si e com o professor orientador, além de ter um crítico externo, o ombudsman.

Tudo isso tem como função primordial manter o jornal sempre interessante para o leitor. Acima da experimentação por parte dos alunos, nós produzimos um jornal para informar a comunidade sobre temas que consideramos de extrema importância para o

cotidiano das pessoas. Há mais de 30 anos o Zero tem conseguido cumprir esse papel e todas as turmas que fizeram parte do Jornal entraram na redação com isso em mente. Isso é o mais importante.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LOPES, D. F. **Jornal Laboratório:** do exercício escolar ao compromisso com o público leitor. São Paulo: Summus, 1989.

PACHECO, R. P. de M. **A importância do Jornal Laboratório Portal na formação do jornalista:** a perspectiva do aluno. Arcos, 2007. Disponível em: <[https://encipecom.metodista.br/mediawiki/images/1/1b/GT6 - 04 -  
\\_A importancia do jornal laboratorio-Roni.pdf](https://encipecom.metodista.br/mediawiki/images/1/1b/GT6_-_04_-_A_importancia_do_jornal_laboratorio-Roni.pdf)>. Acesso em 20 de abril de 2015.

XAVIER, C.; Bronoski, M. E. **Os desafios da prática de Jornal Laboratório:** o Foca Livre. Ponta Grossa, 2009. Disponível em: <<http://www.fnpj.org.br/soac/ocs/viewpaper.php?id=538&cf=18>>. Acesso em 19 de abril de 2015.

ZERO. **Manual de Produção**, versão 2011. Florianópolis: Curso de Jornalismo, 2011.